

ÁFRICA E MODERNIDADE EM GEORGES BALANDIER

AFRICA AND MODERNITY IN GEORGES BALANDIER

Antonio Motta¹

Luiz Antonio de Oliveira²

¹Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, Brasil

²Universidade Federal do Delta do Parnaíba, Parnaíba, Piauí, Brasil

RESUMO

As pesquisas realizadas por Georges Balandier no continente africano transformaram a tradição dos estudos africanistas na França. Contrastando tanto com a visão etnológica das origens construída por seus antecessores quanto com o modelo estruturalista de pensamento então vigente, a abordagem situacional e dinâmica da antropologia e da sociologia proposta por ele a partir de meados do século XX colocou em primeiro plano as relações de poder e as transformações sociais e políticas ligadas à colonialidade. Neste sentido, Balandier antecipou debates sobre as desordens da modernidade já a partir de suas primeiras experiências de campo em cidades africanas, destacando-se, ainda, pela natureza literária e reflexiva ou autobiográfica do conjunto de seus escritos. Assim, na trajetória intelectual que o conduziu de africanista e terceiro mundista a pensador das sociedades hipermodernas, figura a preocupação com as questões históricas e políticas do seu tempo.

Palavras-chave: Africanismo Francês; Georges Balandier; Situação Colonial; Modernidade.

ABSTRACT

Georges Balandier's research on the African continent transformed the tradition of Africanist studies in France. In contrast both to the ethnological vision of origins constructed by his predecessors and to the structuralist model of thought then in force, the situational and dynamic approach to anthropology and sociology proposed by him from the mid-twentieth century onward foregrounded power relations and the social and political transformations linked to coloniality. In this sense, Balandier anticipated debates about the disorders of modernity already from his first field experiences in African cities, further distinguished by the literary and reflexive or autobiographical nature of his writings. Thus, in the intellectual trajectory that led him from Africanist and third worldist to thinker about hypermodern societies, there is a concern with the historical and political issues of his time.

Keywords: French Africanism; Georges Balandier; Colonial situation; Modernity.



Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 4.0 International License.

INTRODUÇÃO

Das pesquisas etnográficas, iniciadas na década de 1930, aos questionamentos sobre o colonialismo e suas relações de poder, nos anos de 1950, o continente africano foi associado a pontos de inflexão importantes na trajetória das ciências sociais francesas. Inicialmente, o interesse pelos estudos africanistas na França plasmou-se em fronteiras disciplinares porosas, orbitando principalmente entre a antropologia e a sociologia, com ressonância na história e na ciência política. Foi por esse emaranhado de margens interdisciplinares que transitou Georges Balandier de finais da década de 1940 em diante.

Trilhar alguns percursos da sua trajetória intelectual constitui o pano de fundo deste texto. Para isso, busca-se analisar suas principais contribuições, com ênfase na socioantropologia dinâmica que serviu como modelo de inteligibilidade para os estudos africanistas em meados do século passado, destacando, ainda, a abordagem situacional que ele propôs. Em razão de sua importância, muita coisa já foi dita sobre Balandier, podendo-se contar com uma boa fortuna crítica de sua obra. O interesse pelos seus trabalhos tem crescido e mobilizado discípulos de sensibilidades intelectuais diversas, tanto no âmbito dos estudos sobre África quanto da sociologia e da antropologia em geral.

Como é sabido, Balandier foi influenciado pela geração de africanistas surgida nos anos anteriores, não só na França, mas também no outro lado do Canal da Mancha, considerando, desde o início de sua carreira, a antropologia e a sociologia áreas complementares. Com efeito, é a partir da segunda metade do século XX que ele se tornou uma das principais referências do africanismo francês. Sua influência é incontestável na formação de toda uma geração que buscou na África inspiração para as suas pesquisas, como foi o caso de Claude Meillassoux, Pierre Bonnafé, Jean Copans, Emmanuel Terray, Alfred Adler, Michel Izard, Marc Augé, Jean-Loup Amselle, Jean-Pierre Dozon, Georges Dupré, Claudine Vidal, entre outros. Merece, ainda, destaque o fato de sua trajetória intelectual se encontrar ligada às de outros nomes das ciências sociais francesas daquela primeira metade de século, como Paul Mercier, ao lado de quem iniciou a carreira de sociólogo/antropólogo africanista, ou mesmo Georges Gurvitch, que o ajudou a se inserir nos meios acadêmicos franceses, principalmente na Sorbonne (Copans, 2017; Dozon, 2017).

A proximidade com Gurvitch e a sociologia pós-durkheimiana motivou Balandier a se afastar, cada vez mais, do estruturalismo de Lévi-Strauss, uma vez que a antropologia dinâmica que propôs divergia das análises estruturais, consideradas por ele como dissociadas das circunstâncias ou das sociedades e culturas em sua condição histórica e de contínuas mudanças. Quando perguntado sobre as diferenças entre a sua antropologia e a de Lévi-Strauss, confirma em entrevista:

O estruturalismo de Lévi-Strauss, a partir dos anos 1950, era uma abordagem antropológica sem consideração sustentada pela história, mesmo que haja alusões na obra ao efeito histórico, não há consideração sustentada. Para mim, o estruturalismo foi uma análise que hoje se enquadraria nos estudos culturais, ou seja, uma análise de formas, relações, esquemas, linguagens etc. [...]. Tudo isso foi objeto de desacordo: gradualmente nos afastamos um do outro. Antes de tudo, em um primeiro momento, eu opunha a antropologia estrutural ao que chamei de antropologia dinâmica e crítica que se concentra na mudança e não considera as coisas relacionadas como estabelecidas. Depois, desenvolvi uma antropologia dinamista, proposta paralelamente à antropologia estrutural (Balandier; Steinmetz; Sapiro, 2010, p. 48).

Tal ruptura epistemológica e teórica fez com que Balandier, por meio dos estudos africanistas, convertesse sua empreitada intelectual em uma espécie de contraponto à tradição especulativa francesa que tinha no campo do simbólico, nos sistemas de pensamento, representações e mitologias suas principais referências de entendimento e pesquisa. Embora Lévi-Strauss tenha dado continuidade e até pontificado essa tradição intelectualista, não deixou de reconhecer, contudo, o caráter abstrato das ciências sociais francesas e, como de resto, a tendência ao hiperteoricismo, também presente em sua obra, observando que: “A sociologia francesa nasceu cedo e ainda sofre com a lacuna que existia originalmente entre a ousadia de suas antecipações teóricas e a falta ou insuficiência de dados concretos” (Lévi-Strauss, 1947, p. 513).

Balandier, por sua vez, buscou superar essa lacuna por meio do enraizamento profundo à pesquisa empírica, estabelecendo, além disso, um profícuo diálogo com a produção etnográfica realizada em língua inglesa. Isso lhe permitiu posicionar-se criticamente no contexto acadêmico francês, contrariando tanto as visões do africanismo das origens, à maneira de Griaule, quanto o universalismo dos modelos estruturais de Lévi-Strauss, lembrando que o pensamento deste último se ambientava em outra área cultural: a América.

A despeito de eventuais disputas acadêmicas no campo da antropologia francesa, Balandier ganhou projeção no movimento anticolonialista da França, especialmente com a publicação do artigo *La situation coloniale: approche théorique*, publicado nos *Cahiers internationaux de sociologie* em 1951, no qual buscou refletir sobre questões metodológicas e políticas da colonialidade. Trata-se de um artigo programático que, quatro anos depois, reaparece abrindo a sua *Sociologie Actuelle de l'Afrique noire*, com inflexão no tema das dinâmicas sociais como marca maior dos seus escritos. Naquele momento, tais dinâmicas estavam centradas nas sociedades marcadas pelas relações assimétricas de colonialidade, chamando a atenção desse autor para as reinterpretações e reações dos povos colonizados nos espaços urbanos a partir, muitas vezes, de referenciais culturais próprios. Surge,

desse modo, a associação antevista por ele entre movimentos messiânicos e os processos de independência em países colonizados.

Os efeitos da dominação colonial francesa no continente africano logo cedo despertaram seus interesses de investigação que se desdobraram em estudos sobre as situações de dependência dos países colonizados ou do Terceiro Mundo e, posteriormente, os problemas políticos dos Novos Mundos. Desse modo, pode-se dizer que Balandier produziu, sobretudo, a partir de suas experiências africanas, uma reflexão pioneira nas ciências sociais francófonas sobre os conflitos, as crises e as desordens que estruturam realidades sociais diversas, coloniais e pós-coloniais. Afinal, como se sabe, a noção de poder e as relações da antropologia com o colonialismo orientaram debates ulteriores, ultrapassando fronteiras nacionais e disciplinares das teorias sociais.

NO ESPELHO DA ÁFRICA

Houve, na França, uma época em que antropologia e literatura andaram *pari passu*. Quando da formação e da institucionalização da antropologia, havia nesse país toda uma geração de antropólogos que cultivou e combinou fruição estética e gosto literário, conciliados com a produção antropológica então nascente (Debaene, 2010). Os exemplos são vários e, entre eles, se poderia incluir Victor Segalen e seu *Essai sur l'exotisme* (1918), Michel Leiris e sua *L'Afrique fantôme* (1933), Jacques Soustelle, com seu *Mexique, terre indienne* (1936), Alfred Métraux, com *L'Île de Pâques* (1941), Lévi-Strauss dos *Tristes Tropiques* (1955) e Georges Condominas com *L'Exotique est quotidien* (1965).

Georges Balandier, como tantos outros de sua geração, também não fugiu a essa tradição. Em 1957, publicou a sua *Afrique ambiguë* pela Editora Plon, na coleção *Terre Humaine*, que tinha como proposta editorial reatualizar o repertório temático e o gênero das narrativas de viagem, mesclando discurso científico e etnográfico com o estilo da narrativa literária. Mas, o livro de Balandier, embora escrito na primeira pessoa e, de certo modo, próximo da narrativa autobiográfica, buscava romper com o espírito de aventura e de exotismo perdido que marca o Tristes Trópicos de Lévi-Strauss, seguidos por outros homólogos. Sob esse aspecto vale salientar que sua proposta é mais próxima à *Afrique Fantôme*, de Leiris, em que são questionadas as próprias fantasias do antropólogo em relação ao continente africano. Isso se confirma na abertura de sua *África Ambígua*, em que Balandier (1957, p. 15-16) comenta:

[...] Ansiava pela África como uma experiência de ruptura, uma existência mais crua, mais autêntica. Por aparente paradoxo, eu estava ansioso para redescobrir os aspectos mais universais e menos decepcionantes da natureza humana sob as vestimentas dos negros primitivos. Eu caminhei em direção à velha África com uma paixão alimentada por reminiscências conradianas - com a ilusão

de que a famosa viagem ao Coração das Trevas continuava sendo um guia. Precisei ficar primeiro na cidade, em Dakar, e por isso rapidamente perdi essas crenças ingênuas. Saindo, munido de uma técnica de mudança de cenário, fiquei desiludido porque não estava muito deslocado. Muito cedo habituado às formas exteriores de exotismo - e em particular ao espetáculo da multidão de Dakar frequentemente vestida com roupas sumptuosas - encontrei-me diante de uma cidade, de uma paisagem não marcada onde a tela material parecia confundir a originalidade humana. Eu não descobri meu erro senão muito mais tarde.

Como se pode observar, ao invés da nostalgia das origens ou mesmo de uma busca do tempo perdido, Balandier delinea um quadro mais crítico e contemporâneo sobre os acontecimentos que testemunhou *in situ* durante o tempo em que esteve no continente africano; inclusive a começar pela escolha do título, que comporta a palavra *ambigüe*, uma alusão à situação de descolonização do continente africano (Balandier; Steinmetz; Sapiro, 2010). Deste modo, Balandier avança os limites de uma África tradicional para adentrar uma África moderna, diversificada e complexa, em pleno processo de transformação, atento e sensível que sempre foi ao diálogo com os seus interlocutores, escutando suas vozes através das construções narrativas dos africanos.

Embora menos experimentalista do que seu grande incentivador no campo literário, Michel Leiris, a admiração de Balandier pela literatura não se esgotou nos primeiros trabalhos da juventude, mas se reverberou também na sua obra de maturidade, conservando um estilo fluente, mais afeito ao ensaísmo, como se pode notar nas publicações de *Histoire d'Autres* (1977), *Conjugaisons* (1997) e *Civilisés, dit-on* (2003). É o próprio Balandier que comenta a influência de Leiris e de todo um contexto intelectual que marcou a sua formação:

[...] Sou um produto da turbulenta história deste país, mais do que um produto da universidade francesa, embora me tenha tornado produtivo no sistema universitário ... Entre o momento em que voltei do Maquis¹ e o momento em que parti para Dakar em junho de 1946, tive um ano propriamente literário, na companhia de Leiris, Sartre, Camus. Ele contribuiu para minha formação mundana e a minha formação cultural, literária durante um ano e meio. Foi neste período que fiquei muito marcado pela influência da África Fantasma do meu amigo Leiris e principalmente pela sua preocupação com a escrita. Você pode ser etnólogo e querer ser escritor ao mesmo tempo? Ou você deveria, como meus amigos me perguntavam, ficar em Paris e ser apenas um escritor? Optei por ir para a África, mas nesse curto período, frequentei os surrealistas, os atores do existencialismo começando. Acompanhei a batalha sobre o marxismo e os comunistas franceses, os comunistas na guerra etc. (Balandier; Steinmetz; Sapiro, 2010, p. 48).

Uma de suas primeiras incursões literárias foi *Lettres sur la poésie*, um opúsculo publicado em 1943, também assinado por Paul Mercier, amigo com quem iniciou sua carreira de africanista três anos depois. Além dessa iniciação literária, Balandier escreveu, nessa fase de sua carreira, um romance autobiográfico, intitulado *Tous comptes faits*, publicado em 1947, sob a forte influência de Michel Leiris. Tal publicação ocorre sob os cuidados deste último, uma vez que Balandier já havia partido, no ano anterior, para uma missão etnográfica no Senegal, a serviço do governo francês. Vale lembrar, ainda, que Leiris – aquele que o teria levado aos círculos artísticos e acadêmicos parisienses – já havia produzido, na década anterior, *L'Afrique fantôme* (1934) e *L'Âge d'homme* (1939), duas obras que tratam de temas marcantes na trajetória intelectual de Balandier: a África e o relato autobiográfico. Convém notar que ambas as publicações tiveram um impacto seminal na formação de Balandier (Copans, 2017; 2016b; Gaillard, 2017; Mary, 2017; Silva, 1978).

Além da questão literária, que o aproximava também de outras figuras, como a de Albert Camus, Georges Bataille e Jean Duvignaud, a presença de Leiris e sua influência nos percursos iniciais da trajetória intelectual de Balandier evidencia a centralidade do africanismo entre os pensadores franceses da época. A geração de africanistas da década de 1930, da qual o autor de *L'Afrique fantôme* fazia parte, legatária dos ensinamentos de Marcel Mauss, está ligada à imagem do continente africano como o lugar ancestral da humanidade e, portanto, um campo etnográfico privilegiado, alimentado, ainda, pela tradição do exotismo vigente no pensamento francês (Motta, 2015). Foi também motivado por esse imagético que Balandier, por exemplo, visitou a Exposição Colonial Internacional de Paris de 1931, ainda bastante jovem, aos 11 anos de idade.

Merece destaque, ainda, a criação, em 1930, da *Société des Africanistes*, sob a influência, entre outros, de Paul Rivet que já era secretário da *Société des Americanistes*, surgida no final do século XIX. Além de Rivet, estão ligados à criação da sociedade dedicada à pesquisa dos mundos africanos outros nomes de destaque, como Lucien Lévy-Bruhl, Marcel Mauss, Marcel Griaule, Maurice Leenhardt, Théodore Monod, Georges-Henri Rivière e o próprio Michel Leiris.

É importante também notar que estas *sociétés savants* estavam vinculadas às instituições museais francesas, tais como o Museu de Etnografia do Trocadéro que, por sua vez, fazia parte do Museu Nacional de História Natural, locais de construção das ciências etnológicas na França e de onde o médico e etnólogo Paul Rivet, ao lado do museólogo Georges-Henri Rivière, estariam encarregados de reorganizar a ciência do homem e suas instituições de estudo. Este processo, segundo L'Estoile (2003), ocorre no âmbito de uma tradição francesa de divisão de trabalho entre teóricos e pesquisadores de campo que permitiu a atuação articulada entre os profissionais da antropologia e os auxiliares coloniais. A própria fundação do *Institut d'Ethnologie* em 1925, nos dizeres de Lévy-Bruhl,

estava alinhada a este objetivo, pretendendo formar etnólogos profissionais e instruir aqueles que, nas colônias, pudessem conduzir estudos de modo útil às pesquisas dos primeiros. É neste instituto que Balandier foi diplomado em 1943, começando a sua carreira de pesquisador com uma ordem de missão etnográfica nos campos franceses obtida junto ao Museu de Artes e Tradições Populares, sob a intermediação de Georges-Henri Rivière (Valade, 2017). Foi ainda um famoso administrador colonial, Robert Delavignette, quem o enviou para o Museu do Homem para classificar objetos, ocasião em que Balandier encontra Denise Paulme e Jean Rouch (Paquot, 2017).

Sendo assim, a *Société des africanistes*² teria se constituído, ao menos, até a irrupção da Segunda Guerra, em um ponto de atuação comum entre militares e acadêmicos na caracterização de uma segunda fase do africanismo francês, ultrapassando a etapa da etnografia dos militares e dos administradores coloniais. Mais uma vez, vale lembrar que a geração de pesquisadores que surge neste momento é oriunda de uma etnologia universitária gestada em torno da figura de Marcel Mauss que teria estabelecido um programa para a etnografia francesa. Entre seus alunos, Griaule será aquele que irá chefiar entre 1931 e 1933 a famosa expedição Dakar-Djibouti que atravessará o continente africano de Leste a Oeste com a finalidade de completar o acervo do Museu do Trocadéro e auxiliar na construção da imagem de uma potência colonial para o Estado francês (Motta, 2012). Griaule será ainda nomeado, em 1942, para ocupar a primeira cadeira de etnologia na Sorbonne demonstrando como se impunha uma imagem do africanismo associada, por sua vez, à busca do “homem das origens, do homem primeiro e autêntico, através de variantes e manifestações ainda presentes” (Gaillard, 2017, p. 13-14).

É por intermédio de alguns destes personagens – como Denise Paulme e André Schaeffner que conheceram no Museu do Homem e o apoiaram na chegada a Dakar em 1946 – que Balandier será iniciado nas pesquisas etnográficas, tendo como palco a África Equatorial Francesa (AEF). Sua primeira incursão se dá a serviço do *Office de recherche scientifique d'outre-mer* (ORSOM)³, ficando à disposição do *Institut français d'Afrique noire* (IFAN) capitaneado por Théodore Monod, outro personagem central na história do africanismo francês que influenciou a carreira de vários africanistas famosos (Silva, 1978).⁴ Assim, a partir da sede do IFAN em Dakar, Monod supervisionou, ao lado do médico Léon Pales, ligado ao Museu do Homem desde o início da Guerra, a pesquisa empreendida por Balandier e Paul Mercier sobre os pescadores Lebou na península de Cabo Verde, na costa senegalesa, em 1946, publicada apenas seis anos depois. *Particularisme et évolution: Les pêcheurs lebou* é a iniciação de Balandier e Mercier no campo das pesquisas etnográficas em África se constituindo em uma espécie de relatório de campo de 200 páginas que contou, ainda, com a colaboração do etnólogo amador de origem tcheca Bohumil Holas e do escritor senegalês Abdoulaye Sadi (Copans, 2017).

Após o retorno de suas primeiras incursões etnográficas em países da África Equatorial, Balandier irá integrar, no início da década de 1950, o mundo acadêmico francês, entrando no *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) em 1952, onde irá criar, 14 anos depois, o Laboratório de Estudos Sociológicos e Geográficos Africanos. Ainda em 1954, após ter defendido suas teses de doutorado, é nomeado diretor de estudos na VI seção da *École Pratique des Hautes Études* (EPHE), local em que ministra cursos de Sociologia Africana e cria, em 1957, o Centro de Estudos Africanos, contando com o apoio de Lucien Febvre e Fernand Braudel. Foi Balandier, ainda, o criador de diversos centros de pesquisa na França e fora dela voltados para a investigação do continente negro, além de dirigir, a partir de meados da década de 1960, importantes periódicos e coleções editoriais que colocaram a África em primeiro plano, como os *Cahiers internationaux de sociologie* e as coleções sociológicas na *Presses Universitaires de France* (PUF). Estes foram passos importantes na construção de um polo africanista que tinha em Balandier sua principal referência. Claude Meillassoux, por exemplo, que passou a frequentar assiduamente, a partir de meados da década de 1950, os seminários da VI seção da EPHE dedicados à Sociologia da África Negra e ministrados por Balandier, foi levado, por este último, ao estudo dos mundos africanos, descoberto também por meio da leitura dos trabalhos dos antropólogos sociais representantes do estrutural funcionalismo britânico (Copans, 2005).⁵

Na década de 1960, Balandier consolida o seu papel de destaque no campo do africanismo francês quando chega à Sorbonne em 1962 e assume a cadeira de Sociologia Africana, com o apoio de Raymond Aron e Georges Gurvitch, sucedendo a este último, quatro anos depois, na cadeira de Sociologia Geral. Além disso, no efervescente ano de 1968, foi escolhido para ser presidente de honra da *Association Internationale des Sociologues de Langue Française*. Em sua carreira de professor de sociologia, que se estende até a sua aposentadoria na década de 1980, constituiu o essencial de suas atividades, além dos artigos e obras publicadas, os cursos ministrados no *Institut d'études politiques* (IEP)⁶ entre os anos de 1952 e 1961, na *École Normale supérieure* de 1961 a 1966, bem como na Sorbonne e na VI seção da EPHE (Valade, 2017). Aliás, foram os trabalhos de ensino e de pesquisa no centro de estudos criado na EPHE que deram surgimento a uma espécie de Antropologia da Contestação, com base nas transformações observadas em suas experiências de campo e confirmadas nos processos de descolonização (Voyé, 2002, p. 9).

São os germes destes processos que estão na origem da sua principal contribuição para os estudos africanistas e teorias sociais de meados do século XX. A abordagem situacional que produz, destacando os efeitos da colonização francesa no continente africano, bem como, reativamente, as retomadas de iniciativas dos seus habitantes, tornou-o conhecido não apenas nos meios acadêmicos franceses, mas também nos círculos políticos

relacionados aos movimentos de descolonização ou de independência dos países africanos.

A SITUAÇÃO COLONIAL

A África do fim dos anos de 1940 e do início da década de 1950 marcou definitivamente a carreira de Balandier. Ela é fundante não apenas por se constituir como campo de sua iniciação etnográfica, mas também por ser emblemática das transformações que vinham ocorrendo no mundo colonial, com consequentes rebatimentos nas reflexões que o autor de *Afrique ambiguë* irá produzir sobre ele. Sendo assim, é o fenômeno da modernidade urbana no contexto da colonização que vai lhe chamar a atenção, rompendo com a tradição etnológica dos estudos prioritariamente voltados para as manifestações ou sobrevivências culturais das sociedades tribais nas savanas africanas. Ao invés de uma África original ou mitológica, Balandier se depara com realidades sociais dinâmicas marcadas por conflitos, contradições e ambiguidades. É a relação dialética entre tradição e modernidade que tem lugar nas cidades africanas onde realizou suas pesquisas demo-etnográficas, provocada pelos fluxos crescentes de migrantes, pelo estabelecimento de novas relações de trabalho ou pela eclosão dos movimentos religiosos contestatórios, elementos que irão orientar as suas reflexões. Em última instância, são as transformações advindas das relações estabelecidas entre colonizadores e colonizados que se tornam o alvo de seus interesses reflexivos ou de investigação logo no início de sua carreira.

Desse modo, as dinâmicas e contradições sociais observadas em suas incursões no Gabão e no Congo apontam para algumas questões que, por sua vez, inspiraram a criação daquela que seria a sua contribuição maior não só para os estudos africanistas, mas também para toda teoria social preocupada com as relações de poder estabelecidas entre grupos ou sociedades desiguais: a noção de situação colonial. Trata-se de uma proposição teórica e metodológica, gestada, sobretudo, a partir das observações etnográficas empreendidas entre os povos Fang e Ba-kongo, respectivamente, nos campos gabonês e congolês. Nelas, Balandier percebeu a complexidade das relações postas em movimento pelo sistema colonial, apontando para o que chamou de retomadas de iniciativa dos africanos em face da dominação imposta pelos colonizadores. Colocou também em primeiro plano as respostas das populações estudadas na condição de povos colonizados, construindo, na língua francesa, uma abordagem ainda inédita sobre a historicidade ou as dinâmicas sociais das sociedades africanas.

Vale lembrar que antes de serem publicadas no famoso artigo de 1951, estas ideias já haviam sido apresentadas um ano antes nos mesmos *Cahiers internationaux de sociologie* no estudo sobre os Fang, no qual Balandier (1950) descreve as tensões ou os conflitos, inerentes àquela sociedade,

que se converteram em movimentos de reação à situação colonial. Tal abordagem, que tratava de questões de natureza mais sociológica, constituiu-se em um contraponto à tradição etnológica francesa que orientava os estudos africanistas sob a forma das monografias étnicas. Assim, ao destacar o caráter relacional e histórico da situação colonial, Balandier procurou se distanciar deste modelo, colocando a sua obra, como observa Dozon (2017, p. 809), sob a bandeira do *socius* e, desta feita, posicionando-se mais como sociólogo do que antropólogo sem, contudo, comprometer a densidade e o alcance de sua reflexão no campo da antropologia.

Emblemáticas desta mirada mais sociológica seriam as suas *Sociologie actuelle de l'Afrique noire* e *Sociologie des Brazzavilles noires*, respectivamente – teses principal e complementar do doutorado concluído em 1954 publicadas no ano seguinte. O subtítulo da primeira, *Dynamique des changements sociaux en Afrique centrale*, indica a centralidade das questões relativas às transformações nas sociedades africanas que serão tratadas por meio de uma abordagem holística, articulando história, política, cultura e psicologia (Blanes, 2009).

De uma maneira geral, um dos seus grandes aportes se refere ao destaque dado ao papel político dos movimentos religiosos no contexto da descolonização. O messianismo Ba-kongo que descreve, por exemplo, é percebido como uma afirmação da unidade deste povo que procura, dessa maneira, se reorganizar, recusando a alienação e a dependência a que estavam sujeitos (Dianteil; Manetta, 2017; Oliveira, 2012). O movimento profético observado no ex Congo belga é tomado como um exemplo de uma reação racial à dominação colonial que culminará nos processos de independência dos países africanos, ocorridos, sobretudo, entre os anos de 1950 e 1960.⁷ A forma messiânica ou profética desta reação também deu relevo às trajetórias individuais dos líderes religiosos na formação dos movimentos de resistência anticolonial, como a do profeta Simon Kimbangu que origina o kimbanguismo na região do baixo Congo, interpretado por Balandier como uma forma particular de nacionalismo (Blanes, 2009).

Esta chave de leitura do mundo colonial africano encontra ressonância nos trabalhos da antropologia social britânica que, mais ou menos, nessa mesma época enfatizavam o conflito e as situações sociais de mudança, destacando a importância dos fatores históricos. No outro lado do Canal da Mancha, os anos de 1950 também são marcados por mudanças de orientação nos estudos africanistas, quando a estrutura e a função dos sistemas de organização social e parentesco, legatárias do estrutural-funcionalismo e da sociologia durkheimiana, vigentes na década anterior, são substituídas pelas ideias de processo e de situação social que, por sua vez, encontram maior proximidade com a sociologia compreensiva de Max Weber. Nesta etapa do pensamento político-antropológico anglo-saxão, ganha destaque a Escola de Manchester, capitaneada por Max Gluckman

ainda desde finais da década de 1940. Tendo como palco, a partir de meados dos anos de 1950, o processo de descolonização africana, os pesquisadores desta Escola privilegiaram em seus estudos as questões de mudança social provocada pelo projeto colonial, as migrações, o trabalho assalariado nas cidades, a construção de redes sociais, as contradições, as tensões e os conflitos.⁸

Encontra-se, neste programa de pesquisas, um modelo analítico que vai caracterizar o africanismo balandieriano, alicerçado em sua noção de situação colonial. Desse modo, a semelhança das abordagens, sobretudo no que se refere às noções de situação social de Gluckman e de situação colonial de Balandier – esta última também adotada por Paul Mercier –, aponta para uma convergência de interesses sobre as questões políticas e históricas das sociedades africanas. Esta é, pelo menos, a explicação apresentada pelo próprio Balandier que se refere ainda aos embates filosóficos da época em torno de Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir e Albert Camus como outras importantes influências (Balandier; Steinmetz; Sapiro, 2010, p. 60). O sociólogo e antropólogo francês busca, desse modo, dizer que o termo não foi tomado de empréstimo do colega inglês, ainda que o famoso texto de Gluckman, *Analysis of a Social Situation in Modern Zululand*, tenha sido publicado em 1940 e servido de base metodológica e analítica para os estudos realizados por seus discípulos nas duas décadas seguintes.

Em que pese algumas controvérsias, pode-se dizer que o programa de pesquisas vigente no outro lado do Canal da Mancha não encontrava ressonância na França até o início das pesquisas africanistas de Balandier. Os temas urbanos ou de pesquisa no que se chamava de sociedades complexas era, segundo Paul Mercier em *Les tâches de la sociologie* também de 1951, negligenciado no território francês, referenciando sobre o assunto nesta obra apenas *La vocation actuelle de la sociologie*, de Georges Gurvitch, livro datado do ano anterior (Copans, 2017). Neste sentido, apontando para o pioneirismo de Balandier, Gaillard (2017) chama a atenção para o fato de que a pesquisa em Brazzaville é contemporânea daquelas dedicadas às cidades francesas conduzidas pelo sociólogo e antropólogo Paul-Henri Chombart de Lauwe, notadamente *Paris et l'agglomération parisienne*, de 1952.⁹

Embora faça referência à filosofia existencial de Sartre como uma de suas grandes influências, Balandier diz que não se resume a ela e reconhece outras contribuições na formulação da ideia, vindas da França e fora dela, tais como os trabalhos de Meyer Fortes, Henri Wallon, Roger Bastide, Georges Gurvitch e mesmo Marcel Mauss, por meio de seu fato social total (Balandier, 1951).¹⁰ Além de apresentar proximidade com o programa etnográfico de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos britânicos, Balandier vai reivindicar ancestralidade naquele que é considerado o fundador das pesquisas etnográficas e figura totêmica para a antropologia francesa. Teria vindo de Mauss, por exemplo, o entendimento da situação

colonial como uma totalidade ou um sistema no qual estariam articulados de uma maneira específica os seus componentes: os colonizadores, os colonizados e as múltiplas relações entre eles. Desse modo, a unidade de análise não seria a cultura ou a tribo, mas uma unidade definida no e pelo sistema colonial (L'Estoile, 2008).

Se por um lado Balandier busca se aproximar de certa *démarche* britânica, por outro, marca sua distância em relação à perspectiva malinowskiana do contato cultural que, apesar de lidar com os problemas de uma antropologia aplicada, não estava atenta à dimensão do conflito presente nas relações entre as sociedades colonial e colonizada. Deste modo, Balandier buscava diferenciar-se da antropologia funcional fazendo eco às críticas formuladas por Gluckman, em 1947, à *Malinowski's 'functional' analysis of social change*. Estas críticas eram endereçadas, sobretudo, às falhas da interpretação dos processos históricos que resultaram em uma descrição ingênua das mudanças observadas pelo próprio Malinowski e seus discípulos. Na verdade, trata-se de uma crítica contundente a *The dynamics of culture change*, publicado em 1945, na qual a explicação histórica é negligenciada, reduzindo a obra póstuma de Malinowski, nos dizeres de Gluckman (1947), a um exemplo de técnica descritiva, sendo o autor incapaz de formular problemas analíticos. Um dos motivos seria a ausência do conflito em suas formulações teóricas a respeito da realidade colonial. Recusava-se, assim, a explicação malinowskiana das três dimensões estanques da realidade cultural do mundo africano do contato, formado pela cultura africana, pela cultura ocidental e pela cultura da transição, esta última representando o dismantelamento das sociabilidades tradicionais africanas.

Marcando esta diferença e acompanhando Gluckman, Balandier compreende o campo colonial como um sistema de relações e uma configuração particular de relações de poder, continuamente em movimento, que, por sua vez, coloca em primeiro plano a política e a história (Gagné; Salaün, 2017). Por este motivo, a sua visão da África privilegiava as divisões ou fraturas, as ambiguidades, as tensões e os conflitos que se desenrolavam no contexto da descolonização, procurando apreender, dessa forma, as dinâmicas das mudanças sociais produzidas por aquilo que os antropólogos de língua anglo-saxã chamavam de contato cultural. Afinal, ele entendia que “a história é esse avanço contínuo para tentar completar a incompletude, para tentar acabar o que está inacabado. O que leva à ideia de situação, no sentido de uma configuração contínua em movimento” (Balandier; Steinmetz; Sapiro, 2010, p. 60). Esta postura que substituiu a representação das Áfricas passadas pelo olhar sobre as Áfricas presentes, fez de Balandier, segundo Moniot (1999), o provocador francês do estudo histórico do continente africano.

Em sua preocupação com a dinâmica diferencial que caracterizava a situação colonial, Balandier entendia que o conjunto de condições que a definem não desaparece com a descolonização política, afinal “as

outras estruturas de dependência tendem a se perpetuar”, permanecendo um “complexo de inferioridade técnica” durante a fase de crescimento econômico dos países que se tornaram independentes (Oliveira, 2012, p. 122). A situação colonial, sob tal perspectiva, desdobra-se no interesse pelas situações de dependência ou de subdesenvolvimento das ex-colônias africanas. Pode-se dizer, ainda, que as dinâmicas sociais observadas nos contextos urbanos africanos de meados do século XX serviram também de laboratório para Balandier refletir, *a posteriori*, sobre as questões da supermodernidade. Isto é, a partir de suas pesquisas africanistas, irá voltar-se, em um percurso repetido por alguns de seus estudantes, para sua própria sociedade ou para realidades metropolitanas *hiper* ou supermodernas.

Este movimento ocorrido entre as décadas de 1950 e 1960, nos dizeres de Agier (2013, p. 84-85), desdobra-se na virada antropológica para o contemporâneo quando as pesquisas sobre os campos coloniais e os processos de descolonização em África – empreendidos por Balandier e outros pesquisadores como Gérard Althabe na França e Max Gluckman e Clyde Mitchel na Inglaterra – representaram momentos importantes para a revisão dos objetos e dos métodos da antropologia. Sendo assim, nos contextos de tensão observados naqueles momentos os pesquisadores “deram um lugar preponderante à abordagem situacional - em detrimento ou no vazio da análise estrutural” (Agier, 2013, p. 85). Em outros termos, a abordagem situacional está ligada ao surgimento de novos campos e à construção da reflexividade que irá caracterizar o pensamento antropológico a partir de então, destacando, para o caso francês, a importância das questões históricas e políticas em uma proposta de antropologia dinâmica.

ÁFRICA E MODERNIDADE: O FIO DA MEADA

Na antropologia francesa depois de Lévi-Strauss, conforme já observaram Dianteill e Manetta (2010, p. 17), a influência de Balandier representa uma terceira via aberta em que não são mais “as estruturas nem as experiências individuais que constituem o objeto do conhecimento, mas as transformações contemporâneas das sociedades africanas, americanas, asiáticas, oceânicas”. Afastando-se radicalmente do estruturalismo e do marxismo estrutural – frequentemente criticado pela inclinação idealista de base neokantiana –, Balandier não apenas renovaria o olhar sobre as sociedades africanas, como também ajudaria a construir um novo lugar para o político, abrindo, ainda, perspectivas de análise para a modernidade ao descortinar para os antropólogos franceses um novo terreno de investigação: um terreno menos exotizado e mais atento à contemporaneidade e seus fenômenos.

Nesta antropologia do tempo presente, em que rompia com a tradição etnológica exótica na França, Balandier vai se tornar conhecido pela

abordagem mais compreensiva das sociedades em movimento, dando destaque à questão do poder ou do político como objetos de estudo privilegiados para os cientistas sociais. A escolha por uma etnologia atualizada e contextualizada o levou a uma antropologia do presente e da mudança (Balandier, 1999). Além disso, dizia que os Novos Mundos, abertos à reflexão antropológica, não se ancoravam mais nas referências territoriais ou geográficas de outrora. Isso porque a correlação que havia entre espaço como unidade simbólica estável (baseada em relações sociais e culturais) e seu equivalente territorial, que lhe conferia materialidade, parecia irrelevante no chamado mundo globalizado. É assim que as culturas se transformam, incorporam e recriam novos valores e sentidos, buscando reciprocamente estabelecer diálogos entre o local e o cosmopolita, entre o fixo e os fluxos.

Balandier permaneceu atento às mudanças ocorridas no final do século passado, especialmente aos processos de globalização. Segundo ele, se a antropologia surgiu no passado como interpretação dos novos mundos culturais descobertos pela geografia, “ela deve hoje ser a exploradora e a intérprete dos novos mundos resultantes das novas tecnologias, do tecnoimaginário”, cartografando o que ele chamou de territórios do inédito (Balandier, 1995, p. 77). Estes territórios, que teriam resultado dos “avanços combinados de ciência, tecnologia e economicismo conquistador”, são marcados por uma dinâmica de transformações que nos tornaria, a um só tempo, nativos e estrangeiros, uma vez que, apesar de pertencermos aos mundos contemporâneos, ficamos desorientados “pelo que eles introduzem de inédito, pelo poder que aí é implantado” (Balandier, 2003, p. 256).

Vale reiterar que a abordagem balandieriana da contemporaneidade não estava dissociada das descobertas realizadas na África no início de sua carreira, antes era uma expressão da sua continuidade. Afinal, foi em suas pesquisas no continente negro que observou como as sociedades africanas negociavam suas relações com o presente, com os acontecimentos, sendo tais sociedades reveladas dessa forma, inclusive no que se referia às suas tradições, aos seus modelos culturais. Diz Balandier ser o seu projeto de construção de uma antropologia política derivado da diversidade descoberta na África Central onde a força dos dinamismos políticos vindos do passado foi posta à prova pelo poder colonial e depois pelo Estado moderno, observando diretamente o que, em outros lugares, teria acesso apenas por meio dos estudos históricos. Dito de outro modo:

A gama de possibilidades políticas estava lá, ainda observável, ao passo que se eu quisesse abordá-la por meio de minha própria cultura, minha própria tradição, teria que recorrer principalmente a informações históricas. A África foi assim a inspiração, a origem de uma abordagem comparativa que se estendeu a outros mundos (Balandier, 1999, p. 266-7).

Nesta abordagem, as mestiçagens, as misturas ou os cruzamentos são vistos como processos de transformação, negociação, invenção ou

acréscimos que manifestam, em suas palavras, vitalidade cultural. Afinal, os exemplos africanos lhe teriam mostrado que os sincretismos e profetismos que descreveu possuíam a função de criação, de reação, de interpretação ou de retomada de iniciativa. Além disso, para ele, a modernidade abriria uma nova era de misturas, de aculturações, de incertezas, rejeições e riscos nos quais a economia e a política seriam a sua expressão de relações de poder. Desse modo, a partir do olhar construído para a África, Balandier pôde lançar também um olhar mais crítico para o seu próprio mundo da modernidade (Balandier, 1999). Nas pesquisas que realizou e através das centenas que orientou, Balandier ajudou a substituir a imagem da África ancestral ou mitológica entre os cientistas sociais franceses por aquela de um continente histórico e contemporâneo no campo da sociologia política ou de uma antropologia dinâmica, contribuindo, ainda, para a consolidação dos estudos da história africana em língua francesa (Coquery-Vidrovitch, 2017; Moniot, 1999).

Na passagem do africanismo para as reflexões sobre as dinâmicas hipermodernas, Balandier permaneceu fiel ao seu programa de estudos centrado na dialética da ordem e da desordem, das ambiguidades e contradições que desestabilizam a ordem social ou cultural ou os modelos teóricos desta ordem. Isto significa dizer que ele continuou interessado nas transformações provocadas pelas relações de poder entre sociedades diferentes, demarcando o seu distanciamento, conforme já indicado, em relação aos modelos abstratos ou universais do paradigma estrutural. Para ele, a dialética da ordem e da desordem era inevitável e uma gerava a outra na direção de uma complexidade cada vez maior, caracterizando o que denomina de hipermodernidade. Esta, por sua vez, diferente da pós-modernidade que se contrapunha aos valores herdados do Iluminismo, representaria “um novo impulso para uma modernidade ainda mais moderna e mais livre de inibições ideológicas, psicológicas e estéticas; isso tanto nos indivíduos quanto na sociedade global” (Tapia, 2012, p.16-18).

Foi a partir do final do século XX que Balandier começou a escrever com regularidade para jornais, sobretudo o *Le Monde*, com o intuito de atrair um público mais amplo através de gêneros narrativos mais próximos do jornalismo. Nesta fase, cresce o seu interesse por uma antropologia do mundo contemporâneo, abordando diferentes fenômenos sociais ligados à chamada hipermodernidade e aos processos de globalização. Derivam dessa fase temas como identidades, biotecnologias, corpo, tecnologias da comunicação, novas produções de subjetividade, circulação de pessoas, rupturas de laços e desmobilização sociais, sem negligenciar a política e seus impactos nos processos democráticos ocidentais e não ocidentais. Entre as publicações dessa época, destacam-se: *Le Détour: Pouvoir et modernité* (1985), *Le désordre: éloge du mouvement* (1988), *Le dédale: pour en finir avec le XXe siècle* (1994), *Le grand système* (2001), *Le grand dérangement* (2005), *Du social par temps incertain* (2013).

É importante destacar, ainda, que a condição reflexiva dos seus escritos produzidos ao longo da carreira acadêmica ultrapassa a dimensão estritamente literária integrando o trabalho científico na produção de uma etnografia de si, antecipando questões a serem postas pela antropologia pós-moderna. Estas discussões possuem rebatimentos no que Agier (2012; 2013) vem denominando de virada contemporânea da antropologia, cujas palavras-chave seriam implicação, reflexividade, empatia metodológica, compreensão e descentramento.

Combinando reflexividade etnográfica e análise contextual, a sua abordagem situacional trataria ainda, conforme observa Agier (2013, p. 86), de “uma instância de descrição e de interpretação dos fatos a priori vagamente definíveis pelo que se poderia chamar de ‘todos os restos’ da análise estrutural”. Esta instância intermediária – que corresponderia à anti-estrutura de Victor Turner ou ao não lugar de Marc Augé –, seria marcada por práticas de tipo transgressiva, individual, informal ou imprevista, dizendo respeito ao que o próprio Balandier entendia como sendo a necessidade e a dinâmica da desordem. Assim, no descentramento do olhar que a sua obra provocou, foi relativizado o lugar da ordem social entendida então apenas como parte de um processo dinâmico de transformações da realidade social. Com isso, Balandier soube recuperar a importância dos atores sociais que deixaram de ser tratados como meras abstrações cognitivas e passaram a ser compreendidos por meio de ações transformadoras, a partir de suas próprias capacidades de intervenção e protagonismo nos processos de transformação no mundo social.

Ademais, vale lembrar que desde suas primeiras incursões em campo, Balandier levantou a questão das relações entre a antropologia aplicada e o colonialismo, de certo modo, tanto ecoando as inquietações já apontadas por Leiris (1969 [1950]), quanto antecipando alguns dos debates postos na crise representacional da antropologia dos anos de 1970 e de 1980. Esta crise, no entanto, lembra Stocking Jr. (1991, p. 4), passou por um processo de domesticação quando os radicais da década de 1960 se estabeleceram na academia e surgiram preocupações mais “com a desconstrução de textos hegemônicos do que com a reconstrução das relações de dominação no mundo real”. Sendo assim, não é por acaso, conforme observa Agier (2013, p. 85), que “a abordagem situacional não encontrou lugar na ‘virada filológica’ da antropologia norte-americana dos anos 1970-1980”. Apesar disso, pode-se dizer que a crítica mais sistemática de Balandier e de seus contemporâneos em meados do século XX na França, instados pelo contexto efervescente dos movimentos de independência na Argélia e em outros países africanos e asiáticos, ajudou a preparar o terreno para as discussões posteriores sobre os encontros da antropologia com a colonialidade.

Tais questões conferem ao pensamento de Balandier vitalidade e atualidade, em consonância com os desafios postos pela antropologia atual. Isso se deve em parte ao seu esforço de superação de uma concepção

estrutural da vida social para uma perspectiva em que os sujeitos, em sua diversidade social e não apenas étnica, tornassem-se os principais produtores do social e protagonistas de mudanças na cena política. Deste modo, rompeu com modelos estáticos, preferindo voltar sua atenção para as dinâmicas temporais entendidas como vetores de mudanças e recomposições sociais diversas. Além disso, sempre foi atento a novos fenômenos surgidos na contemporaneidade, renovando e ampliando o repertório de possibilidades do fazer antropológico, como bem sintetizou um de seus discípulos, Emmanuel Terray (*apud* Gaillard, 2017, p. 24, tradução nossa): “[...] ele nos ensinou que poderíamos praticar pesquisa antropológica em estações rodoviárias e bares [...]”.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. Penser el sujeto, descentrar la antropología. **Cuadernos de Antropología Social**, [s. l.], n. 35, p. 9-27, 2012.
- AGIER, Michel. Le tournant contemporain de l’anthropologie: comprendre, encore, le monde qui nous entoure. **Socio**, [s. l.], n. 1, p. 77-93, 2013.
- ASAD, Talal. Anthropology & the Colonial Encounter. *In*: HUIZER, Gerrit; MANNHEIM, Bruce (Ed.). **The politics of anthropology: From Colonialism and Sexism: Toward a View from Below**. The Hague: Mouton, 1979. p. 85-94.
- BALANDIER, Georges. **Tous comptes faits**, Paris: Éditions du Pavois, 1947.
- BALANDIER, Georges. Aspects de l’évolution sociale chez les Fang du Gabon, **Cahiers internationaux de sociologie**, [s. l.], n. 9, p. 76-106, 1950.
- BALANDIER, Georges. La situation coloniale: approche théorique. **Cahiers internationaux de sociologie**, [s. l.], n. 11, p. 44-79, 1951.
- BALANDIER, Georges. **Sociologie actuelle de l’Afrique Noire**. Dynamique des changements sociaux en Afrique centrale, Paris: Presses Universitaires de France, 1955.
- BALANDIER, Georges. **Sociologie des Brazzavilles noires**. Paris: Armand Colin, 1955.
- BALANDIER, Georges. **Afrique ambiguë**. Paris: Plon, 1957.
- BALANDIER, Georges. Les Mythes politiques de colonisation et de décolonisation en Afrique. **Cahiers Internationaux de Sociologie**, [s. l.], n. 33, p. 85-96, juillet-décembre, 1962.
- BALANDIER, Georges. Problèmes actuels de la sociologie: entretien avec Georges Balandier. **L’Homme et la société**, [s. l.], n. 3, p. 47-53, 1967.

BALANDIER, Georges. **Histoire d'autres**. Paris: Éditions Stock, 1977.

BALANDIER, Georges. **Le Détour: Pouvoir et modernité**. Paris: Fayard, 1985.

BALANDIER, Georges. **Le désordre**. Paris: Fayard, 1988.

BALANDIER, Georges. **Le dédale: pour en finir avec le XXe siècle**. Paris: Fayard, 1994.

BALANDIER, Georges. **Conjugaisons**. Paris: Fayard, 1997.

BALANDIER, Georges. Ce que j'ai appris de l'Afrique. **Journal des africanistes**, [s. l.], v. 69, n. 1, p.259-270, 1999.

BALANDIER, Georges. **Le grand système**. Paris: Fayard, 2001.

BALANDIER, Georges. **Civilisés, dit-on**. Paris: Presses Universitaires de France, 2003.

BALANDIER, Georges. **Le grand dérangement**. Paris: Presses Universitaires de France, 2005.

BALANDIER, Georges; STEINMETZ, George; SAPIRO, Gisèle. Tout parcours scientifique comporte des moments autobiographiques. **Actes de la recherche en sciences sociales**, [s. l.], n. 185, p. 44-61, 2010.

BALANDIER, Georges. **Du social par temps incertain**. Paris: Presses Universitaires de France, 2013.

BLANES, Ruy Llera. O Messias entretanto já chegou. Relendo Balandier e o profetismo africano na pós-colônia. **Campos**, [s. l.], v. 10, n. 2, p. 9-23, 2009.

BOULER, Jean-Pierre. Le pied à l'étrier: du bon usage d'une métaphore. In: METRAUX, Alfred; VERGER, Pierre. **Le pied à l'étrier**. Correspondance, 1946-1963. Paris: Jean-Michel Place, 1994. p. 53-66.

CASTELO, Claudia; ALVES, Vera Marques. Sobre a distância entre a "situação colonial" em Moçambique e o lusotropicalismo: carta de António Rita Ferreira para Jorge Dias, com artigo anexo. **Etnográfica**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 417-438, 2019.

CHANIAL, Philippe; BALANDIER, Georges. Entretien avec Georges Balandier. **Quaterni**, n. 23, p. 119-132, 1994.

CONDOMINAS, Georges. **L'exotique est quotidien**. Paris: Pion, 1965.

COPANS, Jean. Claude Meillassoux (1925-2005). **Cahiers d'études africaines**, [s. l.], v. 177, n. 1, p. 5-13, 2005.

COPANS, Jean. La mort de Georges Balandier, sociologue, spécialiste de l'Afrique. **Le Monde**, Paris, 2016a.

COPANS, Jean. M. Leiris, G. Balandier face à la situation coloniale des sociétés africaines des années 1950. **Revue des sciences sociales**, [s. l.], n. 56, p. 1-20, 2016b.

COPANS, Jean. Georges Balandier et Paul Mercier ou le cheminement gémellaire des inventeurs de l'africanisme nouveau de l'après-guerre (1946 – 1957 – 1976). **Cargo. Revue Internationale d'Anthropologie Culturelle & Sociale**, [s. l.], v. 6, n. 7, p. 167-187, 2017.

COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. Contribution de Georges Balandier à la genèse de l'histoire africaine de langue française. **Cahiers d'Études Africaines**, [s. l.], v. LVII (4), n. 228, p. 825-832, 2017.

DEBAENE, Vincent. **L'adieu au voyage**: l'ethnologie française entre Science et littérature. Paris: Gallimard, 2010.

DIANTEILL, Erwan. Depois de Lévi-Strauss: um olhar sobre a antropologia francesa contemporânea. **Revista de Antropologia**, São Paulo, USP, v. 53 n° 1, p. 11-38, 2010.

DIANTEILL, Erwan; MANETTA, Delphine. L'anthropologie de Georges Balandier, hier et aujourd'hui. **Cargo. Revue Internationale d'Anthropologie Culturelle & Sociale**, [s. l.], n. 6-7, p. 163-165, 2017.

DOUZOU, Laurent. La Résistance et le monde rural: entre histoire et mémoire, **Ruralia**, [s. l.], n. 4, 1999. Disponível em: <http://journals.openedition.org/ruralia/88>. Acesso em: 19 maio 2020.

DOZON, Jean-Pierre. Georges Balandier et la reconstruction d'Après-guerre de la sociologie française. **Cahiers d'études africaines**, [s. l.], v. LVII (4), n. 228, p. 809-818, 2017.

FRAITURE, Pierre-Philippe. Georges Balandier's Africa: post-colonial translations ambiguous reprises. **Bulletin of the School of Oriental and African Studies**, [s. l.], v. 81, Special Issue 3, p. 457-492, 2018.

GAGNÉ, Natasha; SALAÛN, Marie. L'effacement du «colonial» ou «seulement de ses formes le plus aparentes»? Penser le contemporain grâce à la notion de situation coloniale chez Georges Balandier. **Cargo. Revue Internationale d'Anthropologie Culturelle & Sociale**, [s. l.], n. 6-7, p. 219-237, 2017.

GAILLARD, Gérald. Georges Balandier. **Journal des anthropologues**, [s. l.], n. 148-149, p. 9-24, 2017.

GLUCKMAN, Max. Malinowski's 'Functional' Analysis of Social Change. **Africa: Journal of the International African Institute**, [s. l.], v. 17, n. 2, p. 103-121, 1947.

KAWADA, Junzo. Dialogues pour Georges Balandier. Un Comtois serein et dynamique. **Cahiers d'Études Africaines**, [s. l.], v. LVII (4), n. 228, p. 1079-1099, 2017.

LAVÍN MARTÍNEZ, Fernando. Reseña de "Teoría de la descolonización" de Georges Balandier. **Nueva Antropología**, [s. l.], v. I, n. 4, p. 111-120, 1976.

LEIRIS, Michel **L'âge d'homme**. Précédé de la littérature considérée comme une taumachie. Paris: Gallimard, 1939.

LEIRIS, Michel. L'ethnologue devant le colonialisme. *In*: LEIRIS, Michel. **Cinq études d'ethnologie**. Paris: Denoël Gonthier, 1969. (Deuxième partie: p. 83-112).

LEIRIS, Michel. **Afrique Fantôme**. Paris: Gallimard, 1996 [1933].

L'ESTOILE, Benoît de. The “natural preserve of anthropologists”: anthropology, scientific planning and development. **Information sur les Sciences Sociales**, [s. l.], v. 36, n. 2, p. 343-376, 1997a.

L'ESTOILE, Benoît de. Un échange impossible? Anthropologie sociale britannique et ethnologie française dans l'entre-deux-guerres : le cas du “culture contact”. **La Lettre de la Maison Française d'Oxford**, [s. l.], v. 1, n. 7, p. 21-40, 1997b.

L'ESTOILE, Benoît de. “O arquivo total da humanidade”: utopia enciclopédica e divisão do trabalho na etnologia francesa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 265-302, 2003.

L'ESTOILE, Benoît de. Max Gluckman (1940): ‘Analysis of a Social Situation in Modern Zululand’, **Genèses**, [s. l.], n. 72, p. 119-155, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. La sociologie française. *In*: GURVITCH, Georges (org.). **La Sociologie au XXe siècle**, t.II. Les Études sociologiques dans les différents pays. Paris: PUF, 1947. p. 513-541.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Tropiques**. Paris: Plon, 1955.

MALINOWSKI, Bronislaw. **The dynamics of culture change**. An inquiry into race relations in Africa. New Haven: Yale University Press, 1945.

MARY, André. Ethnographie de soi sous le “zero équatorial”. Le chantier autobiographique de Georges Balandier. **L'Homme. Revue française d'anthropologie**, [s. l.], n. 221, p. 11-40, 2017.

MERCIER, Paul; BALANDIER, Georges. **Particularisme et évolution**. Les pêcheurs Lebou du Sénégal. Saint-Louis, Sénégal : Centre IFAN-Sénégal, 1952.

MÉTRAUX, Alfred. **L'Île de Pâques**. Paris: Gallimard, 1980 [1941].

MEYRIAT, Jean. Balandier (Georges). Afrique ambiguë. **Revue française de science politique**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 185-187, 1958.

MONIOT, Henri. Balandier (Georges). Conjugaisons. **Revue française de l'histoire d'outre mer**, [s. l.], tome 86, n. 322-323, p. 333-337, 1999.

MOTTA, Antonio. Travessias Africanas: Michel Leiris e o início das pesquisas africanistas na França. *In*: TRAJANO FILHO, W. (org.) **Travessias Antropológicas: estudos em contexto africano**. Brasília: UNB/ABA, 2012. p. 183-220.

MOTTA, Antonio. “Altera parte”: exotismo, estereótipos e assimetrias. **Áltera -Revista de Antropologia**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 144-168, jul./dez. 2015.

MOTTA, Antonio; OLIVEIRA, Luiz Antonio. Made in África: Gilberto Freyre, Câmara Cascudo e as continuidades do Atlântico Negro. In: SANSONE, Lívio (Org.). **Memórias da África**: patrimônios, museus e políticas das identidades. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 213-259.

OLIVEIRA, Henrique Altemani de. Algumas questões de relações internacionais em Georges Balandier. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, São Paulo, número especial, p. 117-130, 2012.

PAQUOT, Thierry. Georges Balandier (1920-2016). Anthropologue de cultures en cours. **Hermès**, [s. l.], n. 77, p. 257-262, 2017.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Bastide e Verger entre “áfricas” e “brasis”: rotas entrelaçadas, imagens superpostas. **Revista IEB**, [s. l.], n. 50, p. 13-66, 2010.

ROSA, Frederico Delgado. Do gesto antro-po-lógico à vitória dos possuídos (Georges Balandier 1920-2016). **Análise Social**, v. LI (4), n. 221, p. 1031-1035, 2016.

SAINCLIVIER, Jacqueline; BOUGEARD, Christian (Org.). **La Résistance et les Français**. Enjeux stratégiques et environnement social. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 1995.

SAMSON, Fabienne. Une anthropologie politique du religieux. Sur les traces de Georges Balandier. **Cahiers d'Études Africaines**, [s. l.], v. LVII (4), n. 228, p. 993-1010, 2017.

SEGALEN, Victor. **Essai sur l'exotisme, une esthétique du divers**. Paris: Fata Morgana, 1978 [1918].

SILVA, Darcy da. Georges Balandier e sua obra Sens et Puissance. **África: Revista do Centro de Estudos Africanos**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 13-26, 1978.

SOUSTELLE, Jacques. **Mexique. Terre indienne**. Paris: B. Grasset, 1936.

STOCKING JR., George W. Colonial Situations. In: George W. Stocking Jr. (Ed.). **Colonial situations**: essays on the contextualization of ethnographic knowledge. Madison: The University of Wisconsin Press, 1991. p. 3-8.

TAPIA, Claude. Modernité, postmodernité, hypermodernité. **Connexions**, [s. l.], v. 1, n. 97, p. 15-25, 2012.

TAPIA, Claude. Adieu à Georges Balandier. **Connexions**, [s. l.], v. 1, n. 107, p. 11-12, 2017.

TARDELLI, Gabriel Calil Maia. O poder colonial em ação: contribuições de Max Gluckman e Georges Balandier para o estudo do colonialismo. **Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste**, [s. l.], v. 6, n. 12, p. 265-280, 2019.

VALADE, Bernard. Outre-disciplines: La «démarche anthropologique» de Georges Balandier. **Cargo. Revue Internationale d'Anthropologie**

Culturelle & Sociale, [s. l.], n. 6-7, p. 239-248, 2017.

VOYÉ, Liliane. Itinéraire de Georges Balandier. **Recherches Sociologiques**, [s. l.], n. 2, p. 7-19, 2002.

Submetido em: 31/07/2022

Aprovado em: 07/06/2023

Antonio Motta

antonio-motta@uol.com.br

Pós-Doutorado pela University of Oxford e pela Universidad Complutense de Madrid.

Doutor em Anthropologie Sociale et Ethnologie pela École des Hautes Études en Sciences Sociales. Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7940-7393>

Luiz Antonio de Oliveira

luizantov@yahoo.com.br

Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pernambuco.

Professor da Universidade Federal do Delta do Parnaíba.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0717-3468>

NOTA

- ¹ Nome dado aos movimentos de resistência francesa durante a Segunda Guerra Mundial, bem como aos locais onde se escondiam os grupos resistentes que também eram chamados *maquisards*. Os *maquis* geralmente estavam localizados em regiões montanhosas com vegetação mediterrânea. Para a importância destes movimentos no mundo camponês durante o momento da ocupação nazista, ver, dentre outros, Douzou (1999) e Sainclivier e Bougeard (1995).
- ² Sua principal publicação, o *Journal de la Société des Africanistes*, se torna, em 1976, o *Journal des africanistes*. Além desta, há uma coleção dedicada à publicação de obras originais, intitulada *Mémoires de la Société des Africanistes*.
- ³ Imaginado desde 1937, o órgão responsável pela promoção de pesquisas das colônias francesas é criado em 1943 sob o nome de *Office de la recherche scientifique coloniale* (ORSC), rebatizado no ano seguinte para *Office de recherche scientifique d'outre-mer* (ORSOM) e mais tarde, em 1953, para *Office de la recherche scientifique et technique d'outre-mer* (ORSTOM). Na atualidade, sob uma nova configuração institucional e política, passou a ser denominado, a partir de 1998, de *Institut de recherche pour le développement* (IRD).
- ⁴ No tempo em que esteve à frente do IFAN, entre os anos de 1938 e

1965, Monod foi o responsável pela realização de diversos estudos sobre o continente, como aqueles empreendidos por Pierre Verger que teria iniciado a carreira de etnólogo sob a sua influência, tendo se beneficiado, inclusive, de bolsas de estudo do instituto francês (Motta; Oliveira, 2012). Para mais informações a respeito dos périplos afro-americanos de Verger, consultar, dentre outros Bouler (1994) e Peixoto (2010).

- ⁵ Em 1953, ao tornar-se diretor do escritório internacional de pesquisas sobre as implicações sociais do progresso técnico no Conselho Internacional de Ciências Sociais da Unesco, Balandier encarrega Meillassoux de escrever notas de síntese dos trabalhos dos antropólogos da Escola de Manchester. Até então, aquele que viria a ser conhecido como o fundador de uma antropologia econômica na França, de vertente marxista, não possuía relação com a antropologia e o africanismo, tendo estudado ciências políticas e econômicas, com passagem pelos Estados Unidos (Gaillard, 2017).
- ⁶ Surgido em 1945, o IEP forma, juntamente com a *Fondation Nationale des Sciences Politiques* (FNSP), uma grande école do sistema universitário francês conhecida como *Science Po*, fundada no início dos anos de 1870 sob a denominação de *École libre des sciences politiques*. Foi no âmbito da *Science Po* que Balandier ficou conhecido como sociólogo terceiro mundista (Valade, 2017). Para as datas principais na história da instituição consultar o seu *site* no endereço eletrônico, disponível em: <https://www.sciencespo.fr/%C3%A0-propos/notre-histoire#Les%20dates>.
- ⁷ A independência das antigas possessões coloniais do governo francês ocorre a partir de década de 1950, caso do Marrocos (1956), da Tunísia (1956) e da Guiné (1958), estendendo-se até os anos de 1970, momento em que Comores (1975) e Djibouti (1975) se emanciparam. Dentre estes movimentos, as lutas pela libertação argelina, que duraram 8 anos (1954-1962), marcaram profundamente o estado colonial francês.
- ⁸ Além das situações, campos e redes sociais, o grupo de Manchester e dos pesquisadores do *Rhodes Livingstone Institute*, sob a liderança de Gluckman, chama ainda a atenção para a importância do ritual nos sistemas políticos africanos, fazendo surgir o drama social como um dos seus principais conceitos. No famoso artigo, *Rituals of Rebellion in South-East Africa*, publicado em 1952 como conferência em homenagem a James Frazer, Gluckman antecipa e prepara o terreno para as pesquisas dos rituais que serão empreendidas por Victor Turner, mais tarde originando as proposições deste último a respeito de uma antropologia da performance ou da experiência.
- ⁹ Semelhante aos demais cientistas sociais de sua geração, Chombart de Lauwe foi aluno de Marcel Mauss, também realizando pesquisa no Camarões no início de sua carreira, acompanhando Marcel Griaule. No pós-guerra, se volta para a realidade urbana e operária parisiense, sendo considerado o iniciador da sociologia urbana na França.
- ¹⁰ Balandier (1951, p. 46) esclarece ainda que o termo situação colonial primeiro teria sido usado pelo sociólogo americano, nascido na Alemanha, Louis Wirth em seus estudos sobre as minorias, além de

Octave Mannoni que, no entanto, tratava o assunto apenas sob uma perspectiva psico-psicanalítica.